JORNAL ORFEÃO
Ano I — Fevereiro de 1958 — N.º 1

ORFEÃO

ORGÃO DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

SÉDE: FACULDADE DE CIENCIAS

DIRECTOR E EDITOR
Alexandre Alberto Cardoso de Miranda

REDACTORES:
Fernando Reis Lima
Manuel Vieira da Silva
Mário de Caldevilla Paula Santos
José da Paz Rodrigues dos Santos

Composição e impressão:
Empresa de Publicidade do Norte S. A. R. L.
Rua do Duque de Loulé, 73 — PORTO

A ABRIR...

Quando iniciamos a publicação dos dois primeiros números do *Boletim do Orfeão* a nossa ideia era, simplesmente, manter um órgão de circulação interna de carácter cultural e informativo que fosse dos orfeonistas para os orfeonistas.

No entanto, em face de várias sugestões, resolvemos transformar o primitivo Boletim, que era, como dissemos, de colaboração limitada a orfeonistas e antigos orfeonistas, versando exclusivamente sobre quaisquer assuntos de actividade interna, no actual jornal, que não se destinará só a estes, mas sim a todos aqueles que frequentam ou algum dia frequentaram a Universidade do Porto.

Embora editado pelo O. U. P., este jornal será uma tribuna livre à vossa disposição, caros colegas. Nas suas colunas será aceite toda a colaboração, desde que ela se possa classificar como benéfica ao aumento de prestígio da nossa Universidade.

O jornal nasce bastante pequeno. As dificuldades que se nos deparam são numerosas, como é de prever em iniciativas desta índole. Bastará, porém, o o interesse e a cooperação de todos vós, para que ele se possa transformar, em breve, no baluarte dos universitários portuenses.

Para isso há que trabalhar. À frente dele estão colegas vossos, desejosos de acertar, mas, como homens que são, susceptíveis de errar.

Assim, as vossas críticas serão aceites na medida em que forem justas; mas isso não basta. A crítica por si só, sem finalidade aparente, não soluciona eficazmente os problemas. Interessa, sim, crítica conscienciosa que nos leve, não só a corrigir e melhorar, como a criar algo mais.

É dentro deste espírito que nos abalançamos a levar avante este empreendimento. Confiamos sinceramente no bom acolhimento de todos vós, no sentido de que a sua continuidade constitua um facto indubitável.

«Janela sobre a Cidade»

Metida a Universidade nos muros das Escolas, entregue só, aparentemente, à tarefa de criar novos profissionais, desviada do convívio social, aparece aos olhos das populações como simples elemento da cadeia da Instrução, sem opinião e sem maturidade.

Daí os esforços permanentes e sucessivos — que louvàvelmente se multiplicam — para a projectar no meio de que deve fazer parte como unidade activa e colaborante.

O Porto e o País conhecem já bem o nosso Orfeão, o nosso Teatro, o nosso Centro, e asssistem ao inteligente esforço, coordenador e impulsionador, das autoridades universitárias. Contudo, porque a maior parte, e a mais fecunda, de toda essa actividade se desenvolve na intimidade do meio académico, não se chega a tomar bem conta da grandeza e do valor desse esforço.

O contacto «meio social-universitários» é realmente escasso e, sobretudo, raro se apresenta como tal. Não admira, por isso, que, considerado o extraordinário poder de expansão da Imprensa, as boas vontades se reunam para a elaboração de jornais que sejam eco do esforço e da vida da Universidade e, simultâneamente, procurem levar ao grande público as suas opiniões e contribuição relativas aos problemas comuns.

Têm sido esses os objectivos denunciados pelo jornal do Centro Universitário — a cujo quase desaparecimento assistimos com mágoa —, e parece ser essa também a louvável intenção que

(Continua na pagina seguinte)

COMISSÃO CENTRAL DA QUEIMA DAS FITAS: 1.º plano — Francisco Costa Durão (Ciências), Mário Alvim de Castro (Farmácia), António de Sequeira Campos (Medicina), António José Coimbra Mano (Engenharia) e Mário Martins Adegas (Economia); 2.º plano: Ângelo Ernesto Carneiro Aires (Ciências), Manuel Torres Marques (Farmácia), Armando Moreno (Medicina), Afonso Henriques de Sá Machado (Engenharia) e Durval Ferreira Marques (Economia)

ACADEMISMO

De há muito que o problema do traje académico tem vindo a interessar grande parte das gerações universitárias do Porto.

As tentativas de resolução deste — quanto a nós — magno problema têm-se orientado sob diferentes aspectos; fazem-se petições ao nosso Magnífico Reitor, abaixo-assinados, apelos para o bom senso dos colegas, etc., etc., mas, infelizmente, a solução não foi ainda encontrada.

Se é pena que a grande maioria dos universitários do Porto não use a característica «capa e batina», muito mais de lamentar é que haja ainda quem, «à futrica», resolva de quando em vez passear pelas ruas da cidade as insígnias a que tem direito, vaidoso de as possuir, mas ignorante do triste espectáculo que oferece aos olhos de quem o vê, qual polícia de chapéu mole e sapato branco.

Contudo, o problema este ano chegou ao cúmulo, atingindo um grau que nunca se nos deparara. Referimo-nos ao facto nada edificante que presenciamos aquando da realização dos Bailes de Carnaval organizados pelas Comissões da Queima das Fitas de 1958.

No local onde tiveram lugar os referidos bailes, alguns dos elementos eleitos pelos diferentes cursos para organizarem as festas da «Queima», desempenhavam o seu papel, fiscalizando e vendendo bilhetes de ingresso, ou conduzindo as senhoras às respectivas mesas não de «capa e batina», como seria natural, mas embrulhados em fatos de cortes os mais dispares, de cores e padrões os mais variados.

Não faz sentido que à frente de organizações académicas como estas estejam indivíduos que, por vergonha, acanhamento, ou quê, se furtam sistemàticamente a envergar «capa negra», numa atitude absolutamente contrária à nossa, que a usamos e que disso nos orgulhamos.

Mais que o êxito financeiro destas festas, interessa o êxito académico e esse, não pode ser atingido desde que dependa de estudantes que se envergonham de usar uma «capa»!

Há que pôr côbro a este estado de coisas. Os restantes colegas das Comissões, os que de facto são académicos — e que felizmente constituem a maioria — devem agir no sentido de que factos idênticos não se repitam; agir da maneira que lhes pareça mais apropriada, chegando, se tanto for necessário, a pedir a colaboração das Autoridades Académicas que são, sabemo-lo bem, da nossa opinião.

Faculdade de Letras

É do conhecimento de todos a actividade desenvolvida na Assembleia Nacional pelo deputado dr. Urgel Horta, reforçada ùltimamente pela exposição feita pelo Senado Universitário a Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional, no sentido de se restabelecer, na Universidade do Porto, a Faculdade de Letras. Como se trata duma campanha justa, da qual beneficiará, inclusive, o nosso Orfeão, daqui enviamos ao ilustre deputado e antigo aluno da nossa Universidade, o nosso inteiro apoio e o desejo que depressa seja satisfeita uma das mais justas aspirações dos nortenhos.

NOTAS MUSICAIS

A origem da música é, certamente, muito anterior à história das civilizações, e o seu aparecimento era explicado, nas mitologias de povos em diversos estágios de civilização, em lendas de que eram personagens deuses das respectivas religiões. Por isso conservou a música durante muito tempo um carácter mágico e hermético; sendo dádiva dos deuses, era a linguagem própria para falar aos deuses e assim, só a classe sacerdotal a podia executar, com penas severas para os profanos que usassem tomar para si tal previlégio. Mas qualquer que tenha sido a causa real do seu aparecimento: ou resultante da ênfase dada à voz humana em ocasiões solenes; ou como meio de exercer atracção sobre o sexo oposto; ou originária dos ritmos criados para dar simultaneidade, ou mesmo aliviar o esforço em trabalhos colectivos ou sugeridos por sons repetidos em certa cadência (passos humanos ou de animais de transporte ou de carga, engenhos primitivos, etc.); ou todas estas conjugadas, a verdade é que as mais antigas manifestações desta arte do Tempo desapareceram com o fluir deste. Pode-se fazer uma ideia do que tal música tenha sido, por comparação com a música de povos actualmente muito atrazados ou pelo estudo das possibilidades de antigos instrumentos que chegaram até nós; mas um conhecimento objectivo dos sistemas musicais e, até certo ponto, das realizações práticas neste campo, só foi possível para épocas em que já se dispunha de uma notação musical, embora imperfeita, que permitisse fixar uma equivalência entre sons fugidios e representações gráficas no espaço bidimensional do material então utilizado para suporte da escrita.

Tendo sido sempre o intervalo de oitava (em que um dos sons tem o dobro da frequência do outro, mas que soam como sendo a mesma nota — dois dós consecutivos, por exemplo) o fundamento de todos os sistemas musicais conhecidos, a divergência entre eles resulta das diferentes maneiras de dividir esse intervalo para formar uma escala de sons. Esta escala foi primitivamente composta por 3 sons, depois 4, depois 5, não existindo em nenhuma delas os meios tons que no nosso sistema musical permitem dar a impressão de estar a ideia musical concluída ou não. As melodias escritas nas escalas tetratónicas ou pentatónicas (como certas canções infantis) nunca dão a sensação de conclusão definitiva.

Com a civilização grega a escala passou a ter sete sons e foi desenvolvida uma teoria musical, na elaboração da qual sobressaiu a escola pitagórica, com Eratóstenes, Ptolomeu, Euclides e outros. Segundo a posição relativa em que eram colocados os intervalos de tom e de meio tom, assim eram formadas várias escalas, entre as quais se podem citar as seguintes:

$^1/_2$, 1, 1, 1, $^1/_2$, 1, 1 — Dórica
1, $^1/_2$, 1, 1, 1, $^1/_2$, 1 — Frígia
1, 1, $^1/_2$, 1, 1, 1, $^1/_2$ — Lídia

Eram consideradas consonâncias perfeitas os intervalos de quarta, quinta e oitava (como sejam dó-fá, dó-sol, dó-dó), não sendo a terceira e a sexta reconhecidas como consonâncias (aliás, só nos fins da idade média a terceira maior entrou na categoria das consonâncias, levando mais tempo a serem reconhecidas como tais a terceira menor e a sexta, maior e menor; apesar de teóricos persas e árabes já terem considerado como consonantes tais intervalos, ainda no tempo de Bach se evitava terminar peças em acordes com intervalos de terceira menor; se as peças fossem em tom menor, tinham no último acorde uma terceira maior, designada pelos teóricos franceses, alemães e ingleses por «tierce de Picardie.»)

A estas escalas, originárias dos povos de que tinham o nome, eram atribuídas as características morais correspondentes: bravura e virtude à dórica, sensualismo e materialidade à frígia, afabilidade e doçura à lídia.

Foram também os gregos os primeiros a terem uma verdadeira notação musical, feita com as letras do alfabeto, mercê da qual chegaram aos nossos tempos alguns fragmentos de coros de tragédias clássicas e pequenas melodias.

Os instrumentos que serviam para o acompanhamento dos coros eram principalmente a flauta de palheta dupla e a cítara, de corda dedilhada.

Todo o desenvolvimento teórico da música que os gregos, com o seu interesse pelas questões especulativas, tinham levado a um grau bastante avançado, foi depois pràticamente esquecido, tendo de ser reinventado na idade média, durante as transformações que, periòdicamente, revolveram nessa era todo o mundo musical.

(Continua)

ANTÓNIO MAGALHÃES
(Orfeonista)

"Janela sobre a Cidade"

(*Continuação da 1.ª página*)

anima os rapazes que dirigem a nova tentativa no jornalismo universitário ,agora empreendida pelo nosso Orfeão.

Dentro desse espírito, embora de âmbito limitado, se apresenta esta coluna do jornal, que de vez em quando aparecerá, a traduzir o pensamento de um universitário do Porto, relativamente a alguns problemas da sua Cidade. Enganam-se, porém, todos que pensem que esta será mais uma tribuna aberta a escândalos e a reclamações de intenções duvidosas. Alinharemos no grupo dos que procuram servir interesses comuns, sem ferir nem insinuar, em tom ligeiro que facilite a leitura e as soluções.

Vamos começar pelo princípio, por dizermos que, antes de tudo, gostaríamos de ver o nosso Porto de cara lavada!

Atravessamos um momento sujo, sujo de corpo e de alma, que não conhece fronteiras porque é universal. O nosso País, e particularmente o Porto, — em manifestação que alguns teimam em considerar como sinal inequívoco de atrazo —, não tem ainda a alma tão profundamente corrompida como a de alguns países avançados. Mas o corpo, senhores! O corpo é uma vergonha! É um nunca acabar de papéis sujos, de cascas de frutas, de detritos de toda a natureza, de escarros.

Não, a culpa não é desses pobres *escrivães da pena grande* que diàriamente aproveitam, para limpar as ruas às horas de sossego das pessoas educadas... Cumprem o seu dever e procuram remediar a situação. Mas como podem lutar, em curto período da noite, contra a avalanche que dura todo o dia?

Nem se julgue que a situação pode resolver-se com chamadas ção de cada um. Porque bom senso geral é coisa que não existe, e a educação é uma qualidade que só lembra quando se chama a atenção para a sua falta.

A solução já há muito foi encontrada; falta pôr em prática o mecanismo que a determinará. Há disposições municipais, mais ou menos completas, que, aplicadas, resolveriam ràpidamente o problema.

Não, não é a advertência, mais ou menos severa, do polícia de giro. Será a multa a grande e única educadora. Mas a multa sistemática e permanente; não a que é aplicada mês sim, mês não, por polícia sim, polícia não...

Verão como, deste modo, a população—todos nós afinal —, se tornará ràpidamente mais educada e limpa... Ah, é verdade... Não se esqueçam que os estrangeiros também pagam...

«VOZ DE BASSO»

Esclarecimento

Embora posto à venda em Março, este número vai datado de Fevereiro.

Com efeito, era este mês o previsto para a saída do 1.º número e sòmente fortes motivos imprevistos disso nos impediram. Dado, porém, que a publicação deste jornal é mensal e ser nossa intenção fazer sair o 2.º número ainda no mês presente, resolvemos conservar a data prevista anteriormente por uma questão de regularização.

Assim, pedimos desculpa aos nossos leitores deste atraso, que, no final de contas é mais aparente do que real.

UMA PÁGINA DE MEMÓRIAS EM QUE SE INVOCA O CARNAVAL DOS ESTUDANTES

Ao relembrar o antigo CARNAVAL DOS ESTUDANTES DO PORTO, cortejo cheio de vida e de cor, em que a Academia marcava pelo inconformismo e espírito desempoeirado contra a mazombice do burgo, tiro ao acaso duma gaveta uns apontamentos, tomados um dia em conversa travada com esse talentoso poeta que se chamou Artur da Cunha Araújo, em que se revivem os tempos duma mocidade distante que, sem desprimor para a de agora, sabia ser mais viva e mais irrequieta. É certo que os tempos eram outros: marcava-se azougada presença em todas as manifestações de crítica à vida citadina e até nacional; o futebol estava ainda na sua infância e o fado não entrava a qualquer hora do dia ou da noite, como acontece hoje, pelas portas dentro...

Ao passar os olhos sobre essas notas, está ali toda a história da revista académica «Hoje há Tripas», escrita para o Carnaval dos Estudantes de 1913 — peça que depois de duas colossais enchentes no Teatro Águia de Ouro passou para o palco do Carlos Alberto onde, representada por profissionais do Teatro, se exibiu durante 100 noites.

Como se sabe, o dr. Cunha Araújo, tendo sido, sem dúvida, o estudante que durante o seu curso médico, com invulgar talento, mais peças de teatro escreveu, foi um dos felizes autores dessa revista.

Num requinte de gentileza e para retribuir a valorização que os «geniais» intérpretes — entre os quais se contavam os estudantes: Rogério Ferreira, A. Bernardo Ferreira, Eduardo Coquet, Mário Pacheco, Morais Júnior, José Ribeiro Júnior, Fernando Monteiro, Augusto Barreto, Adrião Ferreira dos Santos, M. Palma de Vilhena, Manuel Barreto, E. Figueiredo, David Coimbra, Mário Felgueiras, Álvaro Costa, Humberto Mendes Correia, Alberto de Sousa, João Queirós, Alfredo Brandão, José Osório, José Teixeira e o saudoso Martins Fernandes que fazia o papel de «compère» — deram à peça, o dr. Cunha Araújo, na sua Quinta de Casal de Pedro, em Vila do Conde, ofereceu-lhes um almoço cuja ementa, merecidamente se transcreve para que não fique no limbo.

DR. CUNHA ARAUJO

Ementa do almoço
Dedicado aos artistas
Que com talento «às pipas»
Salvaram de ir ao poço,
A revista «Hoje há tripas...»

(Como são todos animarianos,
Seguem-se os velhos moldes [lusitanos)

1.º Prato:

BACALHAU ASSADO À JOÃO DO BURACO

Aliment d'epargue, o mais preconizado, por útil e barato...

2.º Prato:

ARROZ DE COELHO BRAVO

Que a minha moça assassina,
Retalhou como a um escravo,
Numa travessa da China!...

Para que esta história não provoque o asco,
Será bom carregar-lhe no verdasco...

3.º Prato:

SALADA DE LAGOSTA
(Se a lagosta vier)

Nem sempre a gente come do que gosta
Nem sempre no mercado há o que se quer;
Mas se o destino atroz nos sonegar salada
Serão servidos à rapaziada
Lombinhos de vitela com tortulhos
Ou como é de uso dizer-se no bom tom
Para que a moda não sinta alguns engulhos:
Petits filets de veau aux champignons
(Carregai-lhe na pinga apetecida
Que é isso que levamos desta vida!)

4.º Prato:

O bom peru rôti abacial
E o respectivo picado,
Darão fim à refeição frugal,
Com champagne gelado...

(Nesta altura começa a verborreia
Dos que tiverem a barriga cheia...)

Entram depois os doces e pudins
Mas pouca coisa é claro,
Pois os tempos não vão para festins
E o açúcar está caro.
Frutas, as do tempo num cabaz,
Peras, maçãs, talvez figos de ceira,
E no fim o clássico ananaz
Com vinho da Madeira...
Café, licores e outras libações
aã. q. b. para dissipar paixões...

Aqui termina a ementa esclarecida e rasa
E quem quizer melhor que coma em sua casa...

O dr. Cunha Araújo!... Estou a vê-lo ainda, já com o cabelo todo branco, como a neve que em manhã frigidíssima se amontoa nos canteiros dos jardins, a sentir os rebates da velhice que se aproximava. Mas apesar disso e com a doença que pouco a pouco o ia minando e que ele sabia que era daquelas que não perdoam, o dr. Cunha Araújo jamais perdia o seu bom humor e sempre cintilante, com um sorriso a aflorar-lhe aos lábios ao recordar os tempos daquela Academia irreverente da qual foi figura destacante, nunca esquecia aqueles dois magníficos versos de Olavo Bilac:

«Envelheçamos rindo, envelheçamos,
Como as árvores fortes envelhecem!...»

ZEFERINO DE MOURA
(antigo Orfeonista)

Cóplas da Revista
HOJE HA ZRIPAS

Cóplas da Revista «Hoje há tripas» cuja capa, impressa em papel de embrulho, representa a caricatura do saudoso Martins Fernandes, que desempenhava o papel de «compère»

Papélia

MATERIAL TÉCNICO PARA DESENHO

CANETAS — LAPISEIRAS — ESFEROGRÁFICAS

Rua de Santa Catarina, 125 PORTO

TAXIS CITROEN

Praça Parada Leitão *Telefone, 21018*

Mário Leite da Silva

Estes taxis equipados com motores Diezel, são montados nas oficinas

— DE —

Alfredo Leite da Silva

R. Cunha Júnior, 128 Telef. 40156 e 40275

PORTO

MOBILIÁRIO MÉDICO-CIRÚRGICO

Representantes no Norte da Fábrica—ADICO

Bacelar & Irmão, Limitada

Instrumentos cirúrgicos dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros
Montagem completa de Hospitais, Casas de Saúde e Consultórios médicos

Rua do Carmo, 8

Telefone, 25672

PORTO

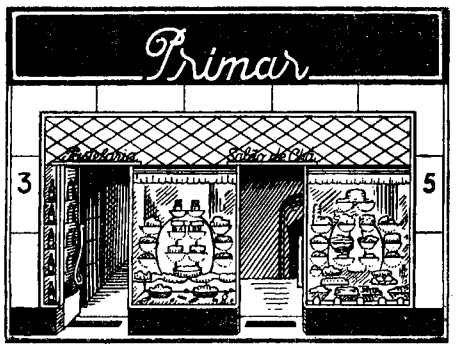
O. R. S. E. C. - R. de Cedofeita, 452

S. E. R. L. - R. Fernandes Tomaz, 674

2 associados verdadeiramente especializados em

Rádio e Televisão

Tome o seu lanche



No salão de chá da PRIMAR

Rua do Carmo, 3 a 5 - Telefs. 25858 e 28458 — PORTO

ARMAZENS DO PORTO

R. dos Clérigos, 92 Telefone, 25337

Tecidos de Algodão, Lã e Seda, Casimiras, Malhas, Atoalhados, Camisaria. Enxovais para Noivas e Colegiais

Especialisados em batas, máscaras e barretes para médicos

PARA NÃO ESQUECER...

Restaurante **Cervejaria**

Rua do Bonjardim, 87 Telefone, 26465

PORTO

PORTUGAL

ALVES OCULISTA

ÓPTICA E MATERIAL DE LABORATÓRIO

DEPOSITÁRIO DAS LENTES PUNKTAL ZEISS

Rua do Carmo, 9 — Telefone, 25971

PORTO

VEM AÍ A QUEIMA!

É verdade! É mais uma Queima que se aproxima. Não falta muito tempo para que durante uns sete dias — tão curtos para tantos! — a Academia dê largas à sua alegria e bom humor.

São momentos de convivência alegre e descuidada esses, em que alma e coração libertos das preocupações diárias e das rígidas normas sociais, experimentam um doce reboliço. No final nada mais há nos que «queimam» na realidade do que tristeza e um pouco de saudade, que, embora precocemente, já os vai invadindo; saudade de uma vida que não mais voltará, duma época que apenas no seu espírito se conservará, sentimento indefinível que avassala os corações à medida que o tempo vai esfumando a nossa mocidade!

*

A Queima, porém, não é só aquilo que vemos mencionado nos programas. Não é só o Cortejo, a Revista, os Chás, etc., etc. Isso poderá ser a sua manifestação exterior. É, sim, mais qualquer coisa. São horas e horas perdidas — diremos bem perdidas — na elaboração de tal manifestação; são canseiras e peocupações com inúmeros problemas; são, quantas vezes, amargas desilusões no final! E muita gente, estamos convictos, só vagamente tem conhecimento deste importante aspecto da Queima. Por isso mesmo, nós aqui o queremos focar especialmente, procurando sempre mostrar aquilo a que se poderá talvez apelidar de os «bastidores» da Queima.

*

Um dos problemas de capital importância dos vários que preocupam anualmente os académicos responsáveis pela realização da Queima é, sem dúvida, o económico. Os encargos que acarretam os diferentes números do programa são avultados e as fontes de receita, por um lado, bastante escassas e por outro, de carácter imprevisível no início dos trabalhos.

É assim que, em alguns anos — v. g. o transacto — tem surgido o fracasso financeiro, o qual, pela elevada monta de que se reveste por vezes, implica acerba crítica às respectivas comissões. Discutem-se as causas, propõem-se soluções com verdadeira animosidade, mas no final, da análise destas «amigáveis» discussões, não se vislumbra qualquer raio de luz esclarecedora.

O problema é, na realidade, intrincado e necessita, por isso mesmo, duma observação e estudo cuidadosos, bem como de enérgicas medidas de resolução eficaz.

«Res non verba»... é o importante por agora!

*

Num momento em que se trabalha já afanosamente, achamos oportuno ouvir alguns dos elementos das comissões eleitas, acerca das realizações em vista para este ano.

Com o mencionado fim conversamos com os colegas Manuel Torres Marques, de Farmácia e Armando de Oliveira Moreno, de Medicina, ambos da Comissão Central. Aproveitando um dos seus poucos momentos disponíveis — pois o trabalho para os Bailes de Carnaval era grande — disseram-nos estes dois elementos:

«O principal fito em vista deste ano é alargar o âmbito das Festas não as restringindo aos muros universitários, isto é, procurar interessar toda a população citadina nos nossos programas, facto que não se tem verificado verdadeiramente nos outros anos e que é, a nosso ver, duplamente importante, já pelo elevado significado de que elas se revestiriam, já pelos grandes benefícios financeiros que daí adviriam. Com este fim, procurar-se-á introduzir no programa já habitual alguns números novos. Assim, pensa-se na realização, em local apropriado, de cinco festivais nocturnos em que colaborarão, além dos nossos organismos académicos, alguns dos mais categorizados nomes da Rádio e Teatro; outra ideia em mente é a dum «Rally» ou prova de perícia automóvel cujos moldes não estão ainda delineados, o qual teria lugar, em princípio, na tarde do primeiro domingo da Queima, que ocupará este ano a semana de 4 a 11 de Maio.

A este respeito avistamo-nos já com o nosso Magnífico Reitor que, à semelhança dos outros anos, pôs carinhosamente ao nosso dispor todas as suas possibilidades de contributo para uma plena concretização dos nossos planos. Também as autoridades locais, de cujo valioso auxílio muito necessitamos, nos receberam com cativante espírito de boa vontade, prometendo-nos a sua incondicional ajuda.

O restante programa será o habitual: Bênção das Pastas, Jogos Florais, Revista, Cortejo, Chás, Sarau de Arte, Tarde Desportiva — que este ano deverá ter cunho especial —, Baile de Gala, Garraiada e Fim de Festa».

À pergunta que fizemos sobre possíveis fontes de receita, respondeu-nos Torres Marques que, a realização dos dois Bailes de Carnaval no Palácio Burmester e um subsídio habitual destinado à Tarde Desportiva, são, por agora, as únicas fontes de receita com que se conta.

«É importante focar o facto — diz-nos também — de que qualquer lucro que trouxer a Queima será destinado exclusivamente a fins de beneficência, parte a Bolsas de Estudo, parte a Instituições de Caridade».

E a terminar, afirmam-nos:

«Trabalharemos afincadamente para que todos os nossos projectos se concretizem proficuamente. Não pouparemos esforços tendentes a que a Queima das Fitas atinja este ano elevado nível e resultados materiais compensadores. Para isso, necessitaremos da cooperação de todos: colegas e população».

Por aqui nos ficamos e, pela nossa parte, fazemos sinceros votos de que todos os colegas responsáveis nesta difícil missão a consigam levar a cabo com inteiro sucesso.

CARNAVAL UNIVERSITÁRIO

No Palácio Burmester, realizaram-se nos passados dias 15 e 18 dois Bailes de Carnaval, por iniciativa das comissões da Queima das Fitas da Universidade do Porto.

A concorrência e a animação, muito maiores no segundo que no primeiro, explica-se, a nosso ver, pela categoria dos conjuntos musicais apresentados num e noutro. Se justiça deve ser feita ao trabalho e boa vontade dos organizadores, que sempre se esforçaram por bem cumprir, não podemos deixar de fazer um reparo ao baixo nível das orquestras que se apresentaram, excepção feita à Orquestra Ligeira Universitária, cuja classe é já bastante boa mas que, infelizmente, só ouvimos no segundo Baile.

Dado que a finalidade principal destas iniciativas é a angariação de fundos com que se possa fazer face aos primeiros encargos da Queima, é importante observar prévia e cuidadosamente todas as medidas que sejam susceptíveis de a satisfazer o melhor possível.

Fomos informados de que estas comissões pensam organizar brevemente um Baile de «Micarème»; ousamos lembrar aos nossos colegas a importância que a escolha das orquestras pode ter no êxito financeiro e no agrado geral, certos de que a experiência obtida fará incidir a sua atenção para este ponto.

O Teatro Clássico Universitário do Porto em Aveiro

Deslocaram-se no passado dia 14 a Aveiro, os nossos colegas do T. C. U. P. onde deram uma récita em colaboração com a Reitoria do Liceu Nacional.

De tarde o snossos colegas foram recebidos na Câmara Municipal onde lhes foram dadas as boas-vindas pelo respectivo Presidente, tendo agradecido em nome do T. C. U. P. o sr. Professor Doutor Hernâni Monteiro e o colega Abílio Ferreira da Silva.

À noite deram uma récita no Teatro Aveirense, preenchida com «Cavalgada para o Mar», peça em um acto de J. M. Synge, em versão portuguesa de Luís Francisco Rebelo e Correia Alves, «Auto de Mofina Mendes», de Gil Vicente e «Variações sobre o mesmo Tema», exercício teatral, em um acto, de Correia Alves.

O T. C. U. P. foi apresentado pelo sr. dr. José Tavares, tendo agradecido em nome dos nosses colegas o dr. Nuno Grande.

Np final do espectáculo os componentes do Teatro foram obsequiados pela madrinha, sr.ª D. Maria Luísa Moreira Cardoso da Costa, com um copo de água, a que se seguiu animado baile no salão de festas do Teatro Aveirense.

Em face do êxito obtido endereçamos aos presados colegas do T. C . U. P. os nossos parabéns.

SICAL

O MELHOR CAFÉ

Praça D. Filipa de Lencastre, 28

Telefones: 27046 / 27724 / 312 (S. Hora)

PORTO

INTERVALO DAS AULAS

Secção dirigida por José da Paz

Hmorismo Universitário

Conversa entre futuros engenheiros

— Eu quero uma mulher que me ame, que me ajude, que me compreenda, que goste da minha profissão...

— Ora! ora! O que tu queres não é uma mulher, é uma régua de cálculo.

*

E quando outro dia no Hospital, um colega nosso tirando a temperatura a um atleta lhe disse que estava com 40,6 graus de febre, ele perguntou:

— E qual é o actual recorde?

*

FIM DE MÊS

— Eh pá! ando teso... não sei o que hei-de fazer à minha vida.

— Escreve a teu pai.

— Já escrevi e até lhe disse que estava no meio da rua.

— E que te respondeu?

— Que tivesse cuidado com os automóveis...

*

Botânica é a arte de injuriar plantas em grego e em latim.

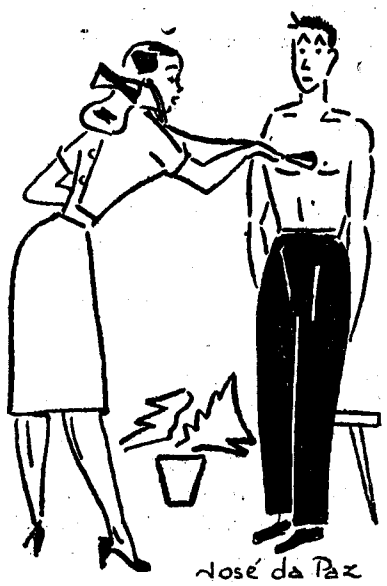
*

ALUNO DE ANATOMIA

— Não se importa que o seu filho venha estudar os ossos para nossa casa? É que temos lá umas visitas que queríamos que se fossem embora.

*

Uma maneira infalível de saber se um aluno cábula está a «asnear» é reparar se ele move os lábios...



Não acham que as colegas de Medicina são exigentes de mais a escolher noivo?

PREGUIÇA

Tínhamos um colega tão preguiçoso, tão peguiçoso, tão preguiçoso, que se levantava muito cedo para estar mais tempo sem fazer nada.

*

Disse um estafilococo para outro:
—«Sinto-me adoentado. Creio que apanhei penicilina».

Consta que...

...Quando o sobreiro der baga
E o loureiro der cortiça
Teremos instalações
Melhores do que na Suíça...

...A gerência da Primar segue com muito interesse o debate sobre a restauração da Faculdade de Letras na Universidade do Porto...

...O motivo de não haver mesas livres no «Pediculus» à hora da TV é devido, ao contrário do que muitos julgam, ao crescente aumento de população na cidade...

...Os nossos colegas de Economia pretendem fazer uma campanha no sentido de acabar com esse terrível hábito popular de servir comida às refeições...

...O Orfeão este ano vai a Moçambique...

...O Orfeão este ano não vai a Moçambique...

...Por ser ano comum a Páscoa este ano calha ao domingo.

Descoberta importante

4$00 = 400$00

Parece mentira, mas é verdade. Prova-se «matemàticamente». Querem ver? Pomos primeiro a igualdade incontestável:

2 escudos = 200 centavos

Ninguém duvidará desta igualdade... Ninguém, por outro lado e não é preciso ter tido lições «maduras» de matemáticas, duvidará deste axioma:

— «Elevando ao quadrado cada um dos membros duma igualdade, a igualdade não se altera». Será, portanto:

$(2 \text{ escudos})^2 = (200 \text{ centavos})^2$

Ou:

4 escudos = 40.000 centavos

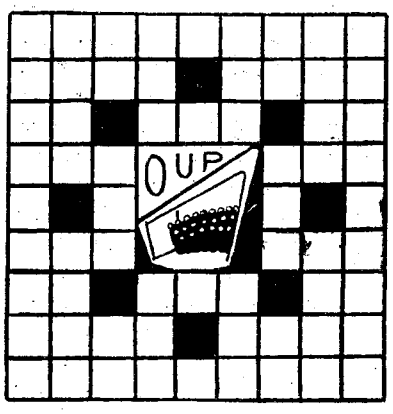
E, reduzindo tudo a escudos:

4$00 = 400$00 c. q. d.

Ora digam lá que não!

(O pior é que nem todos estão pelas contas... Coitados, não sabem matemática...)

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS

1 — Peça antigamente cantada pelo Orfeão, da autoria de Luís Costa
2 — Usura; Almocei (inv.)
3 — Despido; Uma das partes do membro superior; Porco
4 — Árvore cuja casca aromatiza o vinho; coloração
5 — Consoante; Vogal; Vogal; Consoante
6 — Pronome pessoal; Goste
7 — Duas vogais; Ponto cardinal (inv.); Preposição
8 — Nome de um desporto; Nome de homem
9 — Habitante dum dos cinco continentes

VERTICAIS

1 — Árvore de fruto
2 — Líquido; Sífilis
3 — Sorri; Planeta; Nota de mú-música
4 — Preposição; Discurso laudatório
5 — Vogal; vogal; vogal; consoante
6 — Curso de água; anda daqui para fora
7 — Pedra de moinho (inv.); Peneira; Depois de Cristo
8 — Jogo; Médio
9 — Acudimos

MATERIAL CIRÚRGICO

Simal Portuguesa, S. A. R. L.

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS «D SIMAL»

LISBOA
AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 33-1.º
TELEFONES: 5 28 20 - 73 18 44

PORTO
PRAÇA PARADA LEITÃO, 21 - 23
TELEFONE, 3 06 34

Livraria Científico - Médica do Porto, Limitada

Representante da Livraria Luso-Espanhola, Limitada (de Lisboa)

14-R. do Carmo, 14-A — Telefone, 2 4076 — PORTO

LIVROS TÉCNICOS DE TODAS AS ORIGENS

FACILIDADES DE PAGAMENTO

Sistema conta corrente